



## S U M Á R I O

3	Palavras prévias	Santiago Macias
5	A datação pelo radiocarbono de contextos funerários da denominada basílica paleocristã de Conimbriga	Adriaan L. De Man / / António M. Monge Soares / José M. M. Martins
11	Aeraria de transición: objectos con base de cobre de los siglos VII al IX en Al-Andalus	Juan Zozaya
25	Objectos de troca no Mediterrâneo Antigo: cerâmica «verde e manganês» de um arrabalde islâmico de Silves	Maria José Gonçalves
43	Mértola e as rotas comerciais do Mediterrâneo no período islâmico	Susana Gómez Martínez
61	De nuevo sobre el mercado de producciones cerámicas entre Al-Andalus y las Repúblicas de Génova y Pisa (siglo XI dC)	Rafael Azuar
69	Os vidros islâmicos de Mértola (séculos XI-XIII): técnicas decorativas	Lígia Rafael / Maria de Fátima Palma
79	Cerâmicas islâmicas da «Casa do Procurador» (Aljustrel)	Juan Aurelio Pérez Macías / Timoteo Rivera Jiménez / / Artur Martins / Macarena Bustamante Álvarez
89	O arrabalde da Silves islâmica. A intervenção arqueológica do empreendimento do Castelo	José Costa dos Santos / Paula Barreira Abranches
103	Materiais cerâmicos provenientes de um silo do Bairro Almóada do Convento da Graça – Tavira	Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro
113	Importações cerâmicas de Tavira na Baixa Idade Média	Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Gonçalo Lopes
121	Novas problemáticas relacionadas com a topografia da cidade islâmica de Silves	Maria José Gonçalves
141	Pisa e il Mediterraneo nel medio evo: Scambi internazionali di merci e di conoscenze	Graziela Berti
163	El origen de Barrancos	Manuel Fructos Romero
169	As muralhas da Covilhã	Michael Mathias
185	Uma torre de vigia sobre o Tejo, em Alcochete	Miguel Correia
195	Arqueologia no castelo de Penamacor – Cimo de Vila. A alcáçova e o cemitério. Resultados das campanhas de 2004 a 2006	Silvina Silvério / / Luís Barros / Daniel Nunes
225	Cerâmicas de transporte y comercio en la Basílica de Santa María de Alicante. Producción y distribución	José Luis Menéndez Fueyo

**Director:** Cláudio Torres • **Coordenadores:** Santiago Macias, Susana Gómez Martínez • **Conselho Científico:** António Borges Coelho, Cláudio Torres, José Luís de Matos, José Mattoso, Manuel Luís Real • **Conselho de Redacção:** Abdallah Khawli, Artur Goulart, Carlos Manuel Pedro, Fernando Branco Correia, João Carlos Garcia, Joaquim Manuel Boiça, José Carlos Oliveira, Manuel Passinhas da Palma, Maria de Fátima Barros, Miguel Rego, Rui Mateus, Susana Gómez Martínez, Virgílio Lopes • **Apoio:** Câmara Municipal de Mértola, Centro de Estudos das Universidades de Coimbra e Porto e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

# O ARRABALDE DA SILVES ISLÂMICA A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DO EMPREENDIMENTO DO CASTELO

JOSÉ COSTA DOS SANTOS\* PAULA BARREIRA ABRANCHES\*\*

## INTRODUÇÃO

No âmbito da construção de um complexo habitacional privado, designado por «*Empreendimento do Castelo*»<sup>1</sup>, no local onde outrora se situavam alguns armazéns pertencentes ao conjunto industrial denominado «*Fábrica do Inglês*», sito no gaveto das Ruas Cândido dos Reis com a Rua 1.º de Maio, na Cidade de Silves, foram realizados trabalhos arqueológicos que decorreram entre Julho de 2005<sup>2</sup> e Março de 2007.

O terreno alvo da intervenção arqueológica localiza-se na confluência das artérias referidas, confronta a Sul com a «*Fábrica do Inglês*», a Oeste com casario, armazéns devolutos e oficinas de mecânica auto e a Leste e Norte com prédios habitacionais privados. A área em causa perfaz um total de 4,280 m<sup>2</sup>, tendo sido alvo de intervenção arqueológica a zona afectada pela implantação do empreendimento habitacional<sup>3</sup>.

## BREVE ENQUADRAMENTO

A continuada presença islâmica no Algarve despertou, desde muito cedo, o interesse dos investigadores da arqueologia medieval pela região. No século XIX, Estácio da Veiga e A. Dos Santos Rocha, pioneiros da arqueologia em Portugal, identificaram e escavaram alguns locais em que era visível essa ocupação.

\* Arqueólogo, direcção da intervenção.

\*\* Arqueóloga, Archeo'Estudos, Lda.

Nos séculos XX e XXI muitos arqueólogos têm dado continuidade a esse trabalho, sendo de destacar os investigadores Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes, com amplo e profícuo trabalho realizado não só na Cidade de Silves, como num contexto mais vasto em todo o Algarve.

É conhecida a delimitação urbana de Silves no século XIII. Desta época começam também a ser conhecidos alguns trechos do arrabalde devido a intervenções arqueológicas que ocorrem por toda a cidade, seja em resultado da construção de obras privadas (como no presente caso), obras públicas no âmbito do «*Projecto Polis*», ou mesmo em construções patrocinadas pelo Município de Silves (GONÇALVES, 2003: 177).

A intervenção arqueológica encetada no gaveto das Ruas Cândido dos Reis e 1.º de Maio, para além do vasto e importante conjunto de estruturas habitacionais identificadas e da grande quantidade de espólio recolhido, permite-nos ainda reflectir sobre os limites da urbe no século XIII, especialmente o arrabalde da cidade nessa época. Quando analisamos o registo arqueoló-

gico, quando tomamos conhecimento de outras intervenções em locais não muito distantes deste espaço, parece-nos legítimo equacionar se não estamos perante a raia da cidade, o local onde deixamos o casario e nos embrenhamos nas hortas e pomares que se estendiam para lá dessa fronteira.

Também, provavelmente, um espaço de lixeiras. Nos séculos XII/XIII, como ainda acontece na actualidade, em redor de algumas das nossas aldeias e mesmo vilas, iam-se amontoando lixeiras de detritos produzidos na urbe e para aí transportados e depositados.

Por razões que mais adiante procuraremos explicitar, a construção desta área da cidade aconteceu depois da reconquista islâmica ocorrida em 1191, ou seja por volta dos finais do século XII, inícios do século XIII.

Este período corresponde a um aumento substancial da população e, em consequência, à expansão urbana para espaços periféricos outrora ocupados com hortas, pomares, lixeiras mas também áreas ocupadas com estruturas defensivas que são desactivadas e provavelmente substituídas por novas estruturas do mesmo carácter, susceptíveis de defender o arrabalde da cidade.

## A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

### Os dados da estratigrafia

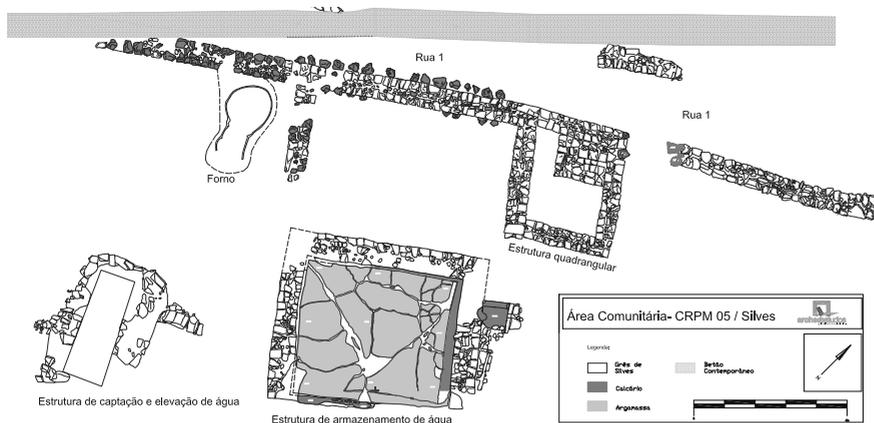
Uma leitura diacrónica dos estratos arqueológicos intervençados, revela-nos uma sequência estratigráfica simples e clara. Assim, à camada de superfície sucedem-se, nalguns locais, estruturas modernas (séculos XIX/XX) das instalações da «Fábrica do Inglês». Essas estruturas são constituídas por paredes, sapatas para suporte de pilares de barracões e pavimentos (calçadas). A abertura de valas para a construção das paredes e das sapatas atingiram os estratos arqueológicos islâmicos, tendo nalguns casos



O espaço intervençado (vista do castelo).



Planta geral.



### Área comunitária.



### Aspecto da construção.

destruído paredes de habitações, tornando difícil ou inviabilizando mesmo a leitura desses espaços.

Na restante área, existe um estrato com espessuras variáveis (0,50/1,20 metros) que corresponde aos movimentos de terras, erosão e acumulação, que ocorreram a partir do abandono e do colapso das estruturas até à actualidade. Segue-se, naturalmente, o produto da derrocada final das paredes sobre os telhados que, entretanto, já haviam sucumbido. Falamos dos derrubes, primeiro do telhado ou parte dele, de pedras isoladas das paredes e, por fim, de toda uma amálgama de pedras, argamassa das paredes, adobe e telhas que, ao abaterem-se sobre os pavimentos, vão fragmentar, espalhar e misturar-se com peças de cerâmica, esquecidas ou abandonadas no interior das habitações.

É perfeitamente perceptível, no registo arqueológico dos derrubes, um processo rápido de ruína das estruturas habitacionais. De facto, o tempo que medeia entre o abandono da casa e o primeiro derrube, acontece num espaço de tempo bastante curto, assim o demonstra a fina e quase imperceptível camada de terra acumulada sobre os pavimentos. Contudo, se o início do processo de ruína das estruturas habitacionais se pode considerar rápido, o mesmo não se poderá aplicar relativamente ao colapso final das estruturas, que se nos afigura extraordinariamente lento. Ao contrário da fase inicial, aqui os derrubes intercalam-se com camadas de terra, o que configura uma situação de vários derrubes espaçados no tempo, até ao colapso final da estrutura.

Sob derrubes encontram-se os pavimentos, lajeados ou de terra batida e as estruturas negativas associadas às estruturas habitacionais (silos, fossas e lixeiras) e, em paralelo, estruturas de combustão (lareiras) e outras.

Abaixo dos pavimentos observaram-se estratos arqueológicos ligados ao nivelamento do terreno e de preparação para assentamento das estruturas, em especial dos próprios pavimentos. Os materiais exumados acima, ou ao nível dos pavimentos, reportam para uma cronologia de ocupação deste espaço, em termos residenciais, para os finais do século XII, inícios do século XIII, prolongando-se até perto da definitiva conquista cristã da Cidade de Silves. O espaço de tempo de plena ocupação deste espaço do arrabalde, cerca de meio século, pressupõe reconstruções de habitações, remodelação de espaços, degradação de infra-estruturas e, porventura, outros aspectos que nos escapam, ou que a estratigrafia não registou. Nalgumas áreas são evidentes as reconstruções, embora estas nos pareçam bastante precárias, quando comparadas com as construções que se mantiveram de raiz ou que foram alvo de reconstruções cuidadas. A sobreposição ou anulação de estruturas produziu-se devido a reconstruções ou remodelação de espa-

ços dentro do mesmo horizonte cronológico e cultural.

Observámos ainda que as estruturas escavadas assentam em duas realidades distintas. Directamente sobre o estrato geológico, ou sobre estratos arqueológicos constituídos por contextos de lixeiras domésticas ou sobre os estratos de entulho que anularam o fosso defensivo deste sector da cidade. Contrariamente aos detritos domésticos que encontrámos acima dos pavimentos e das estruturas viárias, ou depositadas em estruturas negativas (silos), contemporâneos da vivência dos ocupantes, as lixeiras estarão relacionadas com outras realidades e terão, sem dúvida, outras origens.

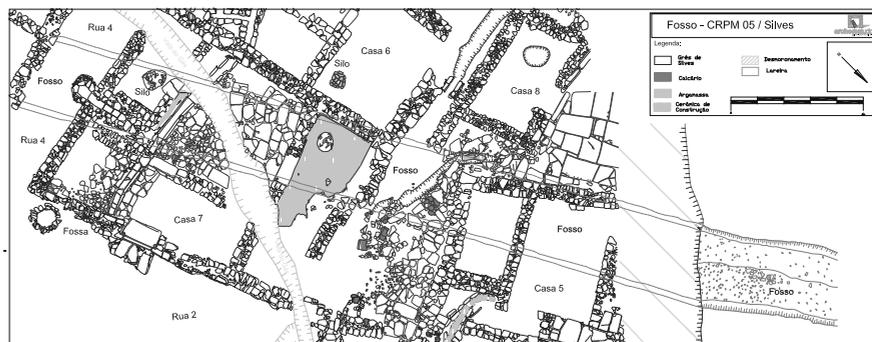
Por volta dos inícios do século XII, escreveu Ibn Abdun (MACIAS, 1996: 67), que não seria permitido depositar os detritos das fossas no interior das cidades. Também devia ser ordenado aos moradores (referindo-se a Sevilha) dos arrabaldes (MACIAS, 1996: 67), a limpeza das lixeiras que haviam depositado nos seus espaços.



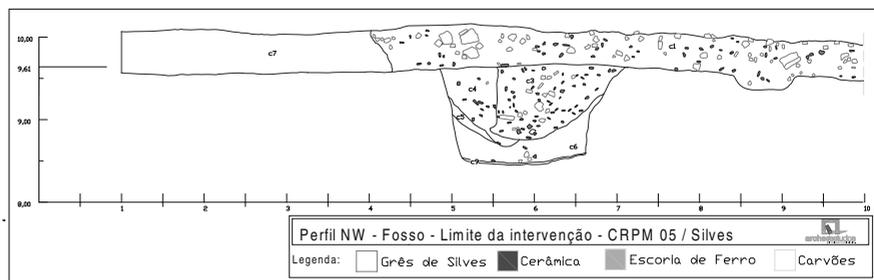
Conjunto latrina-fossa.



Aspecto da construção 2.



Fosso.



Perfil NW – fosso.

Não nos surpreende que estas disposições também fossem aplicadas noutras cidades. A Cidade de Silves nos séculos XII e XIII conheceu um período de grande prosperidade económica e social, factores que irão determinar um aumento substancial da sua

população e conseqüentemente do parque habitacional. A cidade extravasa para fora do sistema defensivo e expande-se para áreas periféricas provavelmente ocupadas com hortas e pomares, mas também para áreas onde estavam depositados detritos domésticos produzidos no interior da urbe. Esta expansão terá como consequência extrema, provavelmente nos inícios do século XIII uma reformulação do sistema defensivo do arrabalde da cidade (nesta zona) entulhando o fosso e «urbanizando» a zona.

O acréscimo demográfico irá provocar uma acentuada pressão urbana que rapidamente faz deslocar a periferia da cidade para espaços marginais, como é o caso da zona onde decorreu esta intervenção. A cronologia dos materiais (cerâmica) exumados das lixeiras e do interior do fosso (séculos X/XI e também alguns, embora raros do século XII), parecem dar razão a esta interpretação e configurar uma situação análoga ao que se passou em Sevilha e nos seus arrabaldes, no tocante à limpeza e deposição dos lixos urbanos produzidos nas cidades.

## A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

No local de intervenção, a construção e implantação das estruturas habitacionais e das infra-estruturas que lhe dão apoio (viárias, saneamento e de fruição pública ou comunitária), terá sido precedida por uma limpeza de todos os detritos existentes à superfície procedendo-se ao seu enterramento em fossas de dimensões diversas. De seguida, o solo terá sido preparado e nivelado para poder receber as construções.

Esta preparação e subsequente implantação de infra-estruturas básicas implicou, não temos dúvidas, a elaboração de um plano prévio de ordenação do espaço, com delineamento da rede viária e de saneamento, e, em função desse traçado, a construção das estruturas habitacionais. A forma como as casas se organizam em função do espaço, das ruas e dos largos poderá parecer estranho aos modelos mais difundidos do urbanismo muçulmano assente na construção espontânea, desordenada e mesmo anárquica. O problema da ortogonalidade nos traçados urbanos não deve ser confundido com crenças religiosas ou com determinados períodos histórico-culturais, mas sim com a existência de um Poder suficientemente forte para impor e organizar um espaço urbano de acordo com a sua vontade, como observou Santiago Macias a propósito da construção do Bairro da Alcaçova de Mértola (MACIAS, 1996: 61). Também neste sector da Cidade de Silves se assiste a um complexo sistema de saneamento, com condutas e canalizações, fossas, ruas, largos, becos, habitações ora alinhadas e perfiladas ao longo de ruas, ora delineando pequenos núcleos entre espaços viários. Para além destes espaços de cariz nitidamente urbano, o Poder parece ter tido ainda a preocupação de o dotar com infra-estruturas de utilização colectiva ou de fruição pública. Com efeito, no limite Sudeste da área intervencionada, nas traseiras de um primeiro bloco residencial, foram identificados um forno, uma estrutura de captação de água com tanque associado e uma outra estrutura quadrangular, para a qual desconhecemos a funcionalidade.

O forno destinar-se-ia à cozedura do pão e seria de uso comunitário, estando localizado sob um pequeno alpendre coberto com telhas.



Perfil interior de fossa.



Forno.

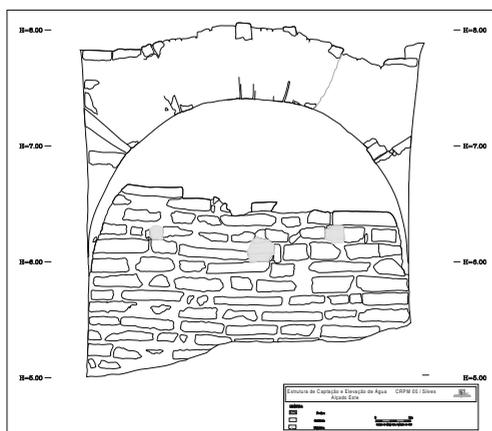
A câmara de cozedura apresenta forma circular, ligando-se ao exterior através de um pequeno rectângulo (boca)<sup>4</sup>. As paredes e o fundo são revestidos por uma fina camada de argila que isola a estrutura do solo.

Pensamos que o forno seria coberto através de uma pequena abóbada também de argila (na continuidade das paredes que se conservaram), afinal como alguns pequenos fornos que ainda hoje são visíveis nalgumas regiões do país.

Em termos funcionais, não possuindo qualquer câmara de combustão independente, o aquecimento era efectuado directamente no interior da câmara de cozedura. Atingida a temperatura julgada ideal, o lar do forno era varrido e limpo das impurezas deixadas pela combustão da lenha e, imediatamente a seguir, seria colocada no interior a massa que se pretendia cozer.

A estrutura de captação e elevação de água apresenta forma rectangular e posiciona-se em diagonal face à Rua Cândido dos Reis<sup>5</sup>, no limite SE da área afectada pelo empreendimento habitacional.

A área onde a estrutura se encontra construída, tal como toda zona definida como comunitária, apresenta uma grossa camada de cascalho, provavelmente proveniente das margens do Rio Arade. Para além da função de nivelamento, este estrato teria a função de permitir uma



**Estrutura de captação e elevação de água, alçado Este.**



**Estrutura de captação de água depois da construção da muralha de betão.**

melhor circulação pedonal em época de chuvas, dada a plasticidade e impermeabilidade do solo.

Em termos de artefactos toda a zona se encontrava repleta de fragmentos de alcatruzes de nora, sem dúvida provenientes da estrutura em análise. Os alcatruzes de pastas beges ou avermelhadas, apresentam fundos de perfil pontiagudo e corpo com caneluras.

A estrutura é construída em alvenaria, com blocos aparelhados e ligados por argamassa de cal e areia. Na horizontal apresenta planta rectangular, com 2,85 m de comprimento e 1,00 m de largura. Apresenta quatro arcos, os de maior dimensão (comprimento) abrem-se a uma cota superior, relativamente aos menores (largura) que parecem constituir condutas de captação de água. Encontram-se a cerca de 3 m de profundidade, relativamente ao topo da estrutura.

Ao seu lado, encontrava-se um tanque para armazenamento de água. Observaram-se as paredes correspondentes aos lados NE, NO e SO, estando a do lado SE destruída pela construção de uma parede moderna das instalações da Fábrica do Inglês aqui existentes.

A superfície escavada, aquela que se conservou, apresenta uma área de implantação de 23,65 m<sup>2</sup>. As paredes que suportavam o tanque apresentam larguras que oscilam entre 0,65/0,68 metros. As paredes apresentam aparelho de grés de Silves de pequeno/médio tamanho. A ligação dos blocos é feita com recurso a uma forte argamassa de cal e areia. No interior, na ligação das paredes com o fundo, ainda se observou a união destes dois elementos estruturais, construída com esta argamassa. O fundo encontrava-se revestido por uma forte e espessa camada de argamassa que assentava directamente sobre o estrato geológico. Do lado NE observaram-se vestígios de uma canalização, contudo a ligação com o tanque já se encontrava destruída. Esta saída

estará provavelmente relacionada com o aproveitamento da água armazenada para fins agrícolas, principalmente na rega das hortas e pomares que se estenderiam pelas imediações.

Para completar a descrição desta área comunitária, referimos a estrutura sensivelmente rectangular, com paredes construídas com blocos de grés de Silves ligados com terra. Ocupa uma área de 10,50 m<sup>2</sup>, que corresponde a 3,50 metros de comprimento e 3,00 metros de largura. No interior, canto Norte, encerra uma construção, também de formato rectangular, que apresenta de comprimento cerca de 1,30 metros e de largura cerca de 1,00 metros. As paredes possuem larguras que oscilam entre 0,47/0,49 metros.

Na parede do lado NE, junto ao pavimento parece ter existido um orifício que ainda continha vestígios de argamassa de cal e areia. A estrutura não apresenta qualquer porta e as paredes e o fundo não apresentam qualquer revestimento isolante ou de impermeabilização.

Na área intervencionada, a rede viária organiza-se de acordo com um sistema ortogonal definido de forma algo grosseira, mas onde são visíveis os principais eixos delineados apesar de algumas alterações introduzidas (provavelmente já numa fase de decadência) relativamente ao projecto inicial, fundamentalmente com a construção de prolongamentos nas fachadas e a anulação parcial de uma rua com a construção de uma habitação.

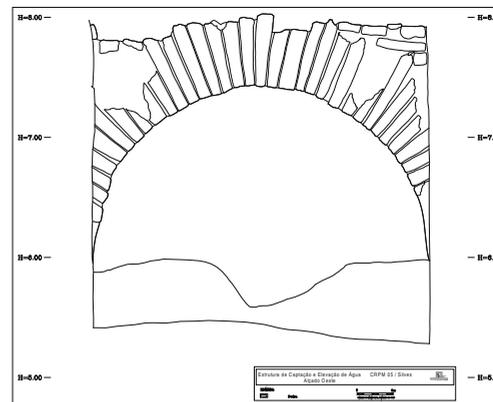
As principais ruas que estruturam este sector do arrabalde da cidade são paralelas e possuem uma orientação sensivelmente de Norte/Sul.

**Quadro Resumo Sistema Viário**

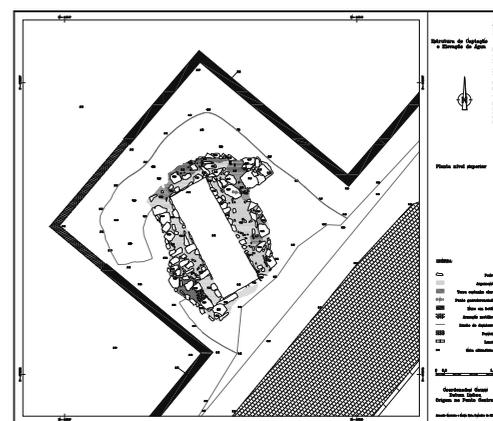
Via	Sentido	Extensão
Rua 1	Este/Oeste	28,70 m
Rua 2	Norte/Sul	36,30 m
Rua 3	Norte/Sul	25,70 m
Rua 4	Este/Oeste	12,00 m
Rua 5	Norte/Sul	28,40 m
TOTAL		131,10 m

Como podemos verificar no quadro inserido, no conjunto das ruas escavadas identificaram-se 131,10 metros de vias que serviam esta zona habitacional.

A pavimentação das ruas é bastante uniforme, quer se pudesse tratar de ruas principais, secundárias ou simplesmente becos. Construídas em plano, com o decorrer das décadas e com o constante calcorrear, as vias foram adquirindo perfil côncavo. Para obstar e resolver este e outros problemas, a que também não será alheio o facto do estrato geológico ser constituído por argilas pastosas e impermeáveis, o que dificultaria sobremaneira a circulação na época das chuvas, foi encontrada uma solução engenhosa e assaz económica. Nas maiores depressões foram depositados lixos domésticos (frag-



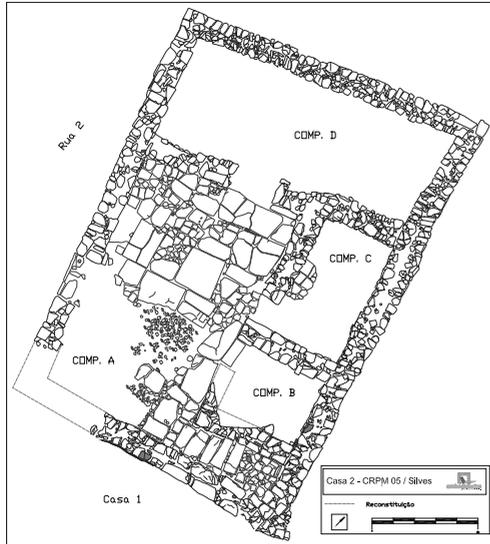
**Estrutura de captação e elevação de água, alçado Oeste.**



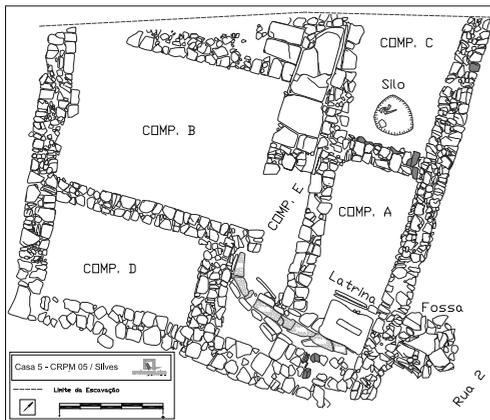
**Estrutura de captação e elevação de água, alçado Planta Superior.**

mentos de cerâmica doméstica e construção, restos de alimentação e pedras de pequena e média dimensão), em seguida foi depositada uma forte camada de calhaus rolados (cascalho), provavelmente transportada das cascalheiras do Rio Arade, sobre todo o espaço ocupado pelas vias. Este cascalho foi em seguida misturado com terra e fortemente batido aderindo com grande consistência à argila do estrato geológico. Este pavimento revelou-se uma boa solução, pois as ruas ainda apresentavam um óptimo estado de conservação.

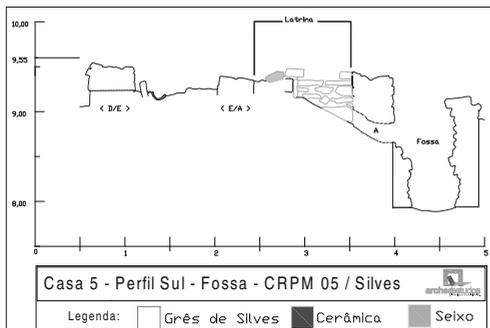
Esta rede viária, servia um complexo com cerca de quinze casas, oito das quais foram identificadas em toda a sua planimetria. Se ao primeiro número adicionarmos as estruturas des-



Casa 2.



Casa 5.



Casa 5 – Perfil Sul Fossa.

truídas com a implantação de um depósito de gás, as parcialmente inseridas nos cortes, os trechos de paredes, compartimentos e soleiras (reconstituição aproximada), e área média ocupada por cada habitação, chegamos à conclusão que na área escavada (residencial) podiam coexistir cerca de dezanove/vinte estruturas habitacionais. Se estimarmos entre seis a oito habitantes por casa (MACIAS, 1996: 69) viveriam neste sector da cidade entre 120 e 160 pessoas.

As casas são do tipo pluricelular, com um pátio que dá acesso a dois, três, quatro, cinco ou seis compartimentos. A área ocupada pelas habitações é variável, situando-se entre 54 e 71 m<sup>2</sup>, nas casas onde foi possível obter a planimetria total. São habitações muito simples, muito longe da opulência dos sumptuosos palácios da elite governante ou de abastados proprietários.

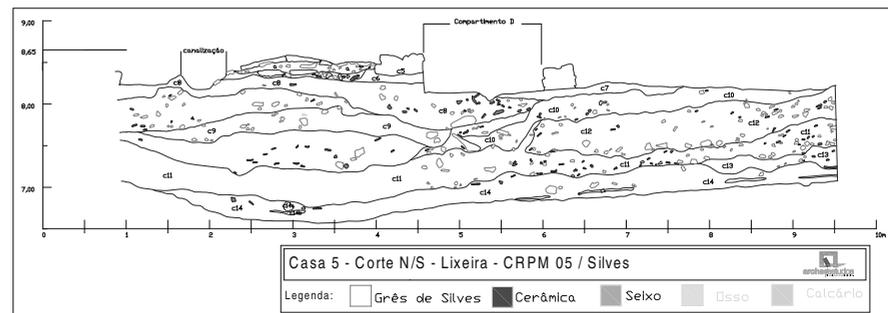
Embora apresentando algumas características comuns, as habitações pautam-se pela existência de algumas variantes. O pátio, sem dúvida a divisão nobre da casa, pode abrir-se directamente para a rua ou localizar-se numa posição mais resguardada com uma divisão de permeio. Numa ou noutra situação, os compartimentos organizam-se em torno deste pátio, com uma divisão rectangular de maiores dimensões, provavelmente a alcova a ocupar as traseiras ou, com mais frequência, a localizar-se numa das alas da casa.

Casas do Núcleo Urbano c/Planimetria Total (Áreas)

Casa	Comprimento	Largura	Área total	N.º divisões
Casa 1	8,90 m	7,94 m	71,00 m <sup>2</sup>	6
Casa 2	9,30 m	6,80 m	63,26 m <sup>2</sup>	5
Casa 3	8,36 m	6,90 m	57,70 m <sup>2</sup>	5
Casa 6	9,00 m	6,00 m	54,00 m <sup>2</sup>	4
Casa 7	8,60 m	7,30 m	62,00 m <sup>2</sup>	5
Casa 9	(a)	(a)	55,60 m <sup>2</sup>	3
Casa 10 (b)	8,90 m	5,60 m	49,85 m <sup>2</sup>	3
Casa 11	(a)	(a)	68,30 m <sup>2</sup>	5

(a) Planta irregular

(b) Pode ter sido destruída uma divisão com a implantação do depósito de Gás

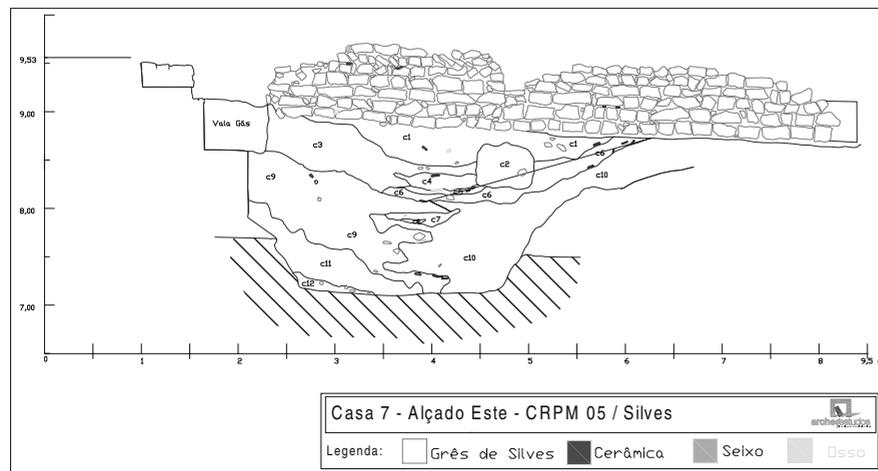


Casa 5 – Corte Norte-Sul Lixeira.

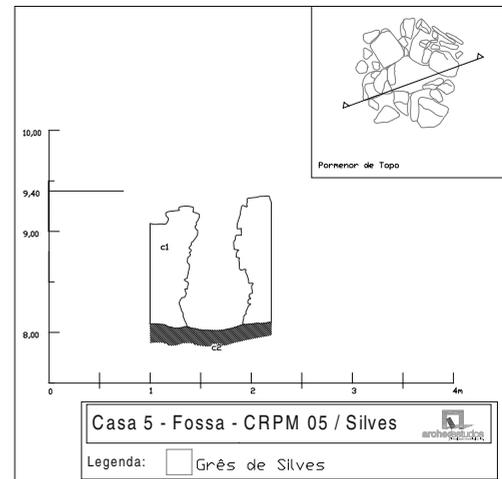
Na versão mais simples que tivemos oportunidade de observar, a habitação possui apenas três divisões. À entrada abre-se um amplo pátio do qual se acede a dois compartimentos, provavelmente a alcova e uma divisão que serviria de armazém e cozinha. Nas habitações com quatro compartimentos, individualiza-se esta divisão construindo um pequeno espaço para cozinha, ou uma latrina. Em resumo, em termos da divisão da casa parece não existir uma regra fixa, pelo contrário, a casa parece adaptar-se ao gosto dos seus proprietários, à sua capacidade económica, espaço disponível e, eventualmente, à composição do seu agregado familiar. Por outro lado, o número de compartimentos parece ter influência directa na área ocupada pelo pátio. A uma menor compartimentação corresponde uma maior dimensão do pátio, assumindo-se esta divisão como espaço multifuncional por excelência. A existência de um maior número de divisões na habitação reduz substancialmente a área ocupada pelo pátio e, provavelmente, o seu carácter multifuncional, o qual se dilui nos restantes compartimentos, passando o pátio a ocupar cerca de 40/45% da área interior da habitação.

Como é normal e comum nas cidades mediterrânicas, as populações sempre tiveram a preocupação de eliminar os resíduos provenientes das várias actividades desenvolvidas no seu dia-a-dia. Silves não constitui excepção a esta regra. Para além da deposição de lixos domésticos em depressões cavadas no solo, salta imediatamente à vista o sofisticado sistema de saneamento e de drenagem de águas provenientes das actividades domésticas e das águas pluviais.

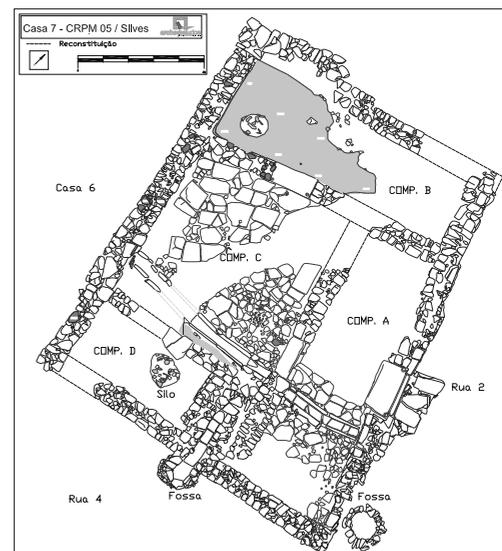
Somos de opinião que a construção das habitações por blocos definidos por eixos viários permitia que as duas fiadas de casas se encostassem pelas traseiras e abrissem para as ruas que as delimitavam. Esta disposição racional permitia, em termos de saneamento, uma solução relativamente económica. A latrina e a área de banhos ou de despejo das águas domésticas eram construídas junto de uma parede da fachada da casa, construindo-se uma pequena conduta que atravessava a parede e ligava directamente à fossa, que se localizava na rua em frente da latrina. As águas domésticas e/ou de banhos eram canalizadas directamente para a rua através de um orifício construído na parede da fachada. As



Casa 7 – Alçado Este.

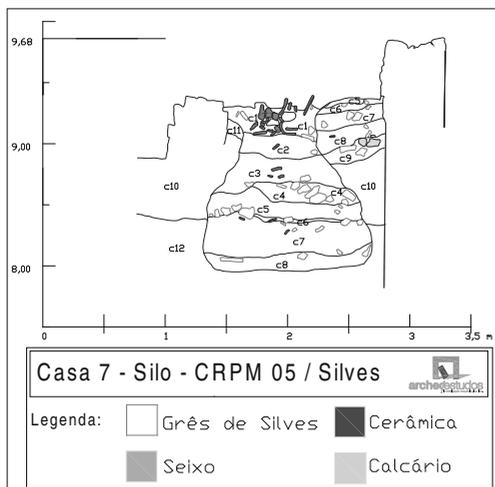


Casa 5 – Fossa.

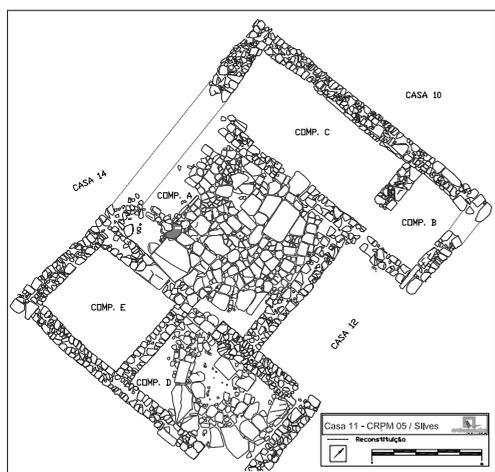


Casa 7.

fossas, regra geral, obedecem ao mesmo tipo e forma. As paredes são construídas com pedras sobrepostas unidas com terra do local. Possuem forma cilíndrica, alargando ligeiramente a meio da altura. O topo é fechado com uma laje de grês e coberto pelo pavimento da rua. A natureza do solo onde as fossas foram construídas (argila pastosa e impermeável) terá constituído um sério problema à drenagem do seu conteúdo, o qual muitas vezes jorrou para o exterior, como foi possível observar no registo arqueológico.



Casa 7 – Silo.



Casa 11.

Mas se é este o sistema mais usual utilizado na drenagem dos detritos das latrinas, existem outras situações em que tal não era possível. Falamos das habitações localizadas no interior de blocos habitacionais, sem acesso directo à rede viária e, portanto, com necessidade de recorrer a sistemas de escoamento dos resíduos das latrinas através de complexos de condutas mais elaborados e também bastante mais dispendiosos do ponto de vista económico. É o caso de uma conduta que detectámos sob os pavimentos das Casas 7 e 6 (onde recebe um afluente) e 9 e parece prolongar-se ainda para o sector IV. A conduta tem de extensão cerca de 20,80 metros. Também foram identificados pequenos trechos destas estruturas sob os pavimentos das Casas 11 (2,80 m) e Casa 12 (4,60 m), o que perfaz um total de 28,20 m de extensão.

Em termos construtivos, fazemos a distinção entre condutas e canalizações. As primeiras são construídas com recurso a pequenas lajes de grês de Silves (coberturas, fundos e paredes laterais), enquanto nas segundas foi utilizada telha de meia cana e cobertura com lajes (grês de Silves). Em termos funcionais, as primeiras parecem ter sido utilizadas na condução de detritos provenientes das latrinas, enquanto as segundas transportavam as águas domésticas para a rua.



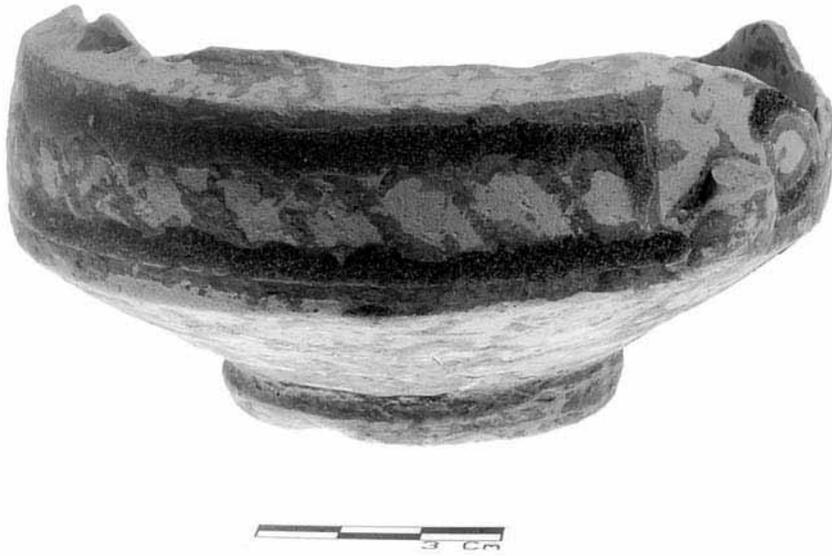
Meleira, séculos XII-XIII.



Candil, séculos X-XI (lixreira).



Tijela-Caçoila, séculos XII-XIII.



Jarrinha corda seca parcial, Cordão da Eternidade, século XII-XIII.

Para além do sistema de saneamento, identificámos um sistema de condução das águas pluviais provenientes dos beirados das habitações, transportando-as por queda para a rua. Embora este sistema se repita em diversas construções (Casas 10 e 12, Casas 12 e 14, Casa A e 1) ele torna-se mais visível entre a Casa 8 e as Casas 6 e 9, local onde ainda conservava duas lajes das paredes verticais da conduta. Tendo em consideração que a construção das paredes não obedecia à abertura de caboucos, estas condutas protegiam a base das construções da infiltração de águas, situação que a verificar-se podia provocar a queda da estrutura.

## O FOSSO

Na área intervencionada, foi detectado um dos componentes do sistema defensivo da cidade de Silves. Referimo-nos, concretamente, a um troço do fosso de protecção desta zona do arrabalde.

São conhecidas as referências bibliográficas ao sistema defensivo da cidade nos finais do século XII, especialmente a descrição do cruzado anónimo Lopes, quando refere que a urbe se encontra «cingida de muros e fossos de tal arte que nem uma só choupana se encontra fóra dos muros, ...». Confessamos que tivemos algumas dificuldades em interpretar esta estrutura. A distância a que nos encontramos do centro da urbe aconselhava-nos alguma prudência. Assim, numa primeira análise, fomos tentados a classificar a estrutura como uma vala para enterramento dos lixos domésticos provenientes do centro da cidade. Contudo, uma análise mais detalhada da estratigrafia encerrada no seu interior, comparativamente com os contextos de lixeiras existentes não só neste espaço, mas também noutros locais, levaram-nos a concluir não estar perante um contexto de lixeira mas sim do entulhamento da estrutura defensiva.

Normalmente, um contexto de lixeira contém grandes quantidades de restos de alimentação, ossos, conchas de bivalves, peças de cerâmica que permitem reconstrução. O estrato apresenta-se normalmente pouco compactado devido à decomposição do lixo depositado.

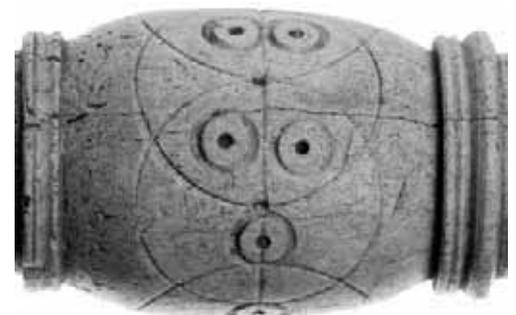
Não é esta a situação que encontramos nos estratos encerrados dentro da vala. Praticamente



Jarrinha, séculos X-XI (Fosso).



Torre de Roca, séculos XII-XIII (pormenor).



Torre de Roca, séculos XII-XIII (pormenor).



Torre de Roca, Osso séculos XII-XIII.



Vaso, séculos XI-XII (silo casa 7).

os restos de alimentação estão ausentes, a cerâmica apresenta-se muito fragmentada e raramente existem três ou mesmo dois pedaços que permitam a colagem. Não existe lixo decomposto em torno dos fragmentos de cerâmica, pelo contrário, os materiais arqueológicos apresentam-se envolvidos por grande quantidade de terra, observando-se que os estratos se encontram bastante compactados.

Também a forma (vala) e dimensões (largura e comprimento) parecem corroborar neste sentido, embora a altura e a largura da estrutura defensiva observada possa ser substancialmente

diferente da original, devido aos trabalhos de preparação e nivelamento do terreno para a construção das estruturas habitacionais.

A identificação deste troço de fosso levanta, diversas interrogações. Desde logo se coloca a questão relativamente a um trecho de muralha que não poderá estar longe deste local. Não tendo sido escavada na área intervencionada, esta estrutura poderá encontrar-se no terreno ao lado, onde se localiza uma oficina e terrenos devolutos. Uma análise muito sumária da topografia deste terreno, parece poder vir a configurar esta hipótese, ainda que apenas a realização de algumas sondagens ou a escavação arqueológica daquele espaço possa confirmar esta suposição.

Para além da localização da muralha defensiva, também nos interrogamos se após a anulação desta estrutura, este sector do arrabalde da cidade terá ficado totalmente indefeso, ou se, pelo contrário, foi construído um novo sistema, que a existir se localizará para lá desta área, ou seja, para além da actual Rua 1.º de Maio.

Em termos de cronologia, pela análise dos materiais arqueológicos, especialmente a cerâmica, exumados do interior do fosso, afigura-se-nos que a estrutura foi entulhada depois da reconquista Almóada, ou seja depois de 1191. São muitos raros, praticamente sem expressão os fragmentos de cerâmica vidrada, prevalecendo fragmentos de cerâmica de pastas claras pintadas a preto ou de pastas alaranjadas pintadas a vermelho.

Em resumo e em termos de conclusão final, podemos estabelecer dois momentos para a ocupação da área intervencionada. Um primeiro momento, que se inicia com a construção do fosso e com a deposição de lixos domésticos provenientes do interior da cidade. É difícil determinar o preciso momento desta construção, devido ao facto de não existir um estrato contemporâneo dessa fase, ou mesmo da fase plena da exposição da estrutura. A última camada, aquela que se encontra sobre o fundo da estrutura é constituída por uma fina camada de areia que se depositou enquanto a estrutura esteve aberta, os restantes estratos fazem parte do entulhamento e para esse efeito devem ter sido utilizados materiais que já se encontravam espalhados no terreno. De concreto, sabemos que os materiais contemporâneos da ocupação das estruturas habitacionais se



Tripede séculos XII-XIII.

inserir nos séculos XII e XIII e que a construção dessas habitações anularam a estrutura defensiva que anteriormente existia no local.

Deste modo, estamos perante construções do período Almóada que perduraram cerca de meia centena de anos, ou seja até à reconquista cristã da cidade que ocorreu em meados do século XIII.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBA CALZADO, Miguel, SANTIAGO FEIJOO (2006), «Defensas urbanas de la Mérida islâmica», in *Al-Andalus Espaço de Mudança*, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- AMARO, C. (1992), *Silos Medievais no Palácio Nacional de Sintra*, Arqueologia Medieval 1, Ed. Campo Arqueológico de Mértola.
- CATARINO, Helena (1984), *Questões Gerais Sobre a Arqueologia Árabe Medieval no Algarve Oriental*, 3.º Congresso do Algarve, Ed. Raca Club.
- CATARINO, Helena (1986), *Escavações Arqueológicas nos Castelos de Alcoutim*, 4.º Congresso do Algarve, Ed. Raca Club.
- CATARINO, Helena (1990), *Arqueologia Medieval Islâmica no Algarve, Alcoutim, Salir e Paderne, Encontro de Arqueologia do Algarve*, Faro: Ed. Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura.
- CATARINO, Helena (1990), *Vestígios muçulmanos no Nordeste Algarvio e o Castelo Velho de Alcoutim*, 6.º Congresso do Algarve, Silves: vol. I, Ed. Raca Club.
- CATARINO, Helena (1992), *O Castelo de Salir: estruturas habitacionais e cerâmicas do período almoada*, 7.º Congresso do Algarve, vol. I, Silves: Ed. Raca Club.
- CATARINO, Helena (1997/989), *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, N.º 6, Volume 2, Ed. Câmara Municipal de Loulé.
- CATARINO, Helena, INÁCIO, Isabel (2005), «Vestígios do Urbanismo Islâmico no Castelo de Paderne: Uma primeira abordagem», Silves: in *Xelb 6*.
- CATARINO, Helena, FILIPE, Sónia (2006), «Madinat Qulumbriya: arqueologia numa cidade de fronteira», in *Al-Andalus Espaço de Mudança*, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- DUARTE, Cláudia Maria Cardoso, ABRANCHES, Paula Barreira (2005), *Sondagens Arqueológicas de avaliação no local a implementar o «Empreendimento do Castelo»*, Silves, Relatório Preliminar dactilografado.
- GOMES, Rosa Varela (2002), *Silves (Xelb), Uma cidade do Gharb al-Andalus: território e cultura*, Trabalhos de Arqueologia 23, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, Rosa Varela (2003), *Silves (Xelb), Uma cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova*, Trabalhos de Arqueologia 35, Lisboa: Ed. Ministério da Cultura e Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, Rosa Varela, GOMES, Mário Varela (2001), *Palácio Almoada da Alcáçova de Silves*, Lisboa: Ed. Museu Nacional de Arqueologia.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (1994), *La cerámica «verde y morado» de Mértola (Portugal)*, Arqueologia Medieval, 3, Campo Arqueológico de Mértola, Porto: Ed. Afrontamento.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (1995), «A Cerâmica de Verde e Manganés do Castro da Cola» (Ourique), in *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, métodos e resultados para o seu estudo*, (Coordenação de DIOGO, João Manuel e ABRAÇOS, Hélder Chilha), Tondela: Ed. Câmara Municipal de Tondela.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2002), *Cerâmica em corda seca de Mértola*, Mértola: Ed. Campo Arqueológico de Mértola.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, DÉLÉRY, Claire (2006), «Algunas piezas orientales y el problema del origen de la técnica de cuerda seca», in *al-Andalus Espaço de Mudança*, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- GONÇALVES, Maria José, SANTOS, Ana Luísa (2005), «Novos Testemunhos do Sistema Defensivo Islâmico de Silves e os Restos Osteológicos Humanos encontrados junto à Muralha de um Arrabalde» – Notícia Preliminar, in *Xelb 5*, (coordenação editorial de GONÇALVES, Maria José), Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves.
- LOPES, Carla do Carmo, RAMALHO, Maria M. B. de Magalhães (2001), «Presença Islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém», in *GARB, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, Ed. Ministério da Cultura, Departamento de Estudos do IPPAR/DE e Junta da Extremadura – Consejería de Cultura.
- LOPES, João Baptista da Silva (1999), *A Cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, Lisboa: Ed. Távola Redonda.
- MACIAS, Santiago (1996), *Mértola Islâmica – Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séculos XII-XIII)*, Mértola: Ed. Campo Arqueológico de Mértola.
- MATOS, José Luís de (1997), *O Período Islâmico no Cerro da Vila*, in *Noventa séculos entre a terra e o mar*, Lisboa: Ed. Instituto Português do Património Arquitectónico.
- PAULO, Dália (1992), *A Casa Islâmica*, Faro: Ed. da Câmara Municipal de Faro.
- RAMOS, Ana Catarina (2005), *Arqueologia Urbana em Silves. Intervenção no Teatro Gregório Mascarenhas*, in *Xelb 6*, Silves.
- SANTOS, José Costa, ABRANCHES, Paula Barreira (2005), «Do Bairro Islâmico ao “Empreendimento do Castelo” (Silves). Primeiros resultados de uma intervenção arqueológica», in *Xelb 6*, Silves.
- TORRES, Cláudio (1992), «Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica», in *Arqueologia Medieval 1*, Mértola.
- TORRES, Cláudio (1993), *O Garb al-Andalus*, in *História de Portugal*, (Direcção de MATTOSO, José), vol. I, Círculo de Leitores, Lisboa.
- TORRES, Cláudio (1997), «O AL GARBE», in *Noventa séculos entre a terra e o mar*, Lisboa: Ed. Instituto Português Património Arquitectónico.
- VIEIRA, Ana Isabel, CHANOCA, Cristina (2005), «O Largo da Sé: Resultados preliminares de uma intervenção de salvaguarda», in *Xelb 6*, Silves.

## NOTAS

- 1 Promotor Bentécnicas, Lda.
- 2 As sondagens arqueológicas de avaliação realizadas na fase inicial foram da responsabilidade da arqueóloga Cláudia Duarte.

3 As áreas de passeios pedonais e jardins não foram escavados, na presunção de que as estruturas arqueológicas aí existentes não seriam afectadas pela construção.

4 A câmara de cozedura apresenta de diâmetro cerca de 1,10 m e o rectângulo (boca do forno) apresenta 0,60 x 0,70 m.

5 Esta estrutura encontra-se preservada, sob uma cobertura de geotêxtil, terra e inertes e o seu acesso poderá ser efectuado no futuro pelo passeio da Rua Cândido dos Reis.